



Mariana Mayumi Pereira de Souza<sup>1</sup>

[mariana.mayumi@ufv.br](mailto:mariana.mayumi@ufv.br)

## REFLEXÕES ARQUEOLÓGICAS SOBRE A FORMAÇÃO DE CONCEITOS EM ADMINISTRAÇÃO

Nosso objetivo neste ensaio é propor a análise da formação de conceitos na área da Administração, a partir da perspectiva discursiva. Entendemos aqui o discurso como prática social, capaz de reproduzir e legitimar determinadas visões de mundo. É a entidade fundadora do processo de construção social, do qual a realidade social depende (BERGER; LUCKMANN, 1998). Para além das preocupações quanto a clareza, neutralidade e objetividade dos conceitos, nosso intuito é apontar reflexões possíveis a respeito das práticas ideológicas que se encontram subjacentes e legitimadas por eles. Dessa forma, a ciência é por nós compreendida como uma formação discursiva, uma forma de organizar a realidade, que determina quais os objetos e conceitos devem ser falados e levados em consideração. Toda ciência, enquanto prática discursiva seria, portanto, ideológica, pois propaga determinadas formas de compreender o mundo (FOUCAULT, 2007). Aplicando-se tal raciocínio à Administração, entendida como um discurso de natureza técnico-científica, no presente ensaio, ela será concebida como uma formação discursiva, com sua respectiva formação ideológica subjacente. Há mais de trinta anos, Tragtenberg (1971) já chamava atenção para o caráter ideológico da Teoria Geral da Administração, tendo em vista seu surgimento calcado no discurso da burocracia, que se originou no âmbito do Estado. Os conceitos da Administração não são somente técnicos, mas formativos de determinada personalidade humana e de uma visão de mundo. Apesar de mudarem ao longo do tempo, as teorias sempre foram discursos defensores dos interesses de setores dominantes das sociedades. Levando-se em conta, portanto, o esforço historiográfico e sintetizador de Tragtenberg (1971), ao demonstrar a gênese da Administração, enquanto ideologia, o presente ensaio toma suas idéias como ponto de partida, entendendo a materialização de tal ideologia em uma formação discursiva, que é capaz de atuar no contexto social e modelar as formas como os indivíduos vêem o mundo. Observa-se que esse autor identifica os interesses subjacentes ao discurso da Teoria Geral da Administração e relaciona o emprego de conceitos cunhados por teóricos importantes (Taylor, Fayol e Mayo) a determinadas condições econômico-políticas. Do ponto de vista discursivo, portanto, observa-se que os conceitos criados por determinados sujeitos (legitimados como “teóricos”) em determinadas épocas foram apropriados como “teorias técnico-científicas neutras” segundo interesses dominantes. Criaram-se, a partir daí, a ciência da Administração, seus objetos, conceitos e sua razão de existir. Nesse sentido, tratar-se-ia de “tautologia disfarçada”, ou de um pensamento que aceita critérios inerentes ao sistema social, sendo ele próprio subproduto do sistema (RAMOS, 1981, p. 50). Nossa proposta para analisar a formação de conceitos na Área da Administração é partir da visão crítica, aliada à concepção epistemológica baseada na esfera discursiva. Segundo Foucault (2007), estudar a história dos discursos, ou a arqueologia do saber, seria analisar os dispositivos de poder e de saber, que instauram verdades e silêncios. A partir da identificação de tais dispositivos, seria necessário investigar as condições em que os discursos surgem e funcionam, como eles se formam, quais as conseqüências de seu uso e quais as estratégias de poder imbuídas. O objeto de estudo da arqueologia seria os próprios discursos, ou as formações discursivas, em certo

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Universidade Federal de Viçosa

nível de homogeneidade enunciativa, cuja raiz seria enunciados reitores, que instituem os objetos de discurso, as estruturas observáveis, as formas de descrição, os códigos perceptíveis. Tal raiz se abriria em uma árvore de escolhas teóricas (estratégicas), que dão lugar a várias opções ulteriores. Nesse sentido, estabelecem-se ordenamentos, hierarquias e todo um florescimento de “descobertas”, transformações conceituais, noções inéditas, atualizações técnicas. Segundo Foucault (2002), as práticas discursivas podem ser divididas basicamente em dois tipos. Há aquelas que originam novas práticas, novos atos de fala que os retomam e os comentam, são discursos fundamentais ou criadores – enunciados reitores. Por outro lado, há aqueles discursos corriqueiros que se dizem no dia-a-dia e que passam juntamente com o ato que os acompanhou, esses discursos repetem, comentam e se baseiam nos discursos reitores precedentes. Todavia, o desnivelamento entre os discursos “não é estável, nem constante, nem absoluto” (FOUCAULT, 2002, p. 23). O interesse analítico não é encontrar uma unidade de pensamento entre os diversos enunciados, de forma a pacificar e resolver as contradições entre os mesmos, tampouco, é encontrar uma contradição dominante que estaria sempre em segundo plano. Trata-se, na verdade, de identificar as relações que se estabelecem entre as práticas discursivas e os domínios que comandam, entendendo suas contradições múltiplas e coexistentes, descrevendo os diferentes espaços de dissensão. As contradições seriam objetos a ser descritos em si mesmos e se diferenciam em três tipos. As contradições derivadas se situam apenas no nível das proposições. São proposições contraditórias a respeito do mesmo objeto, mas que nascem na mesma formação discursiva, nas mesmas condições de exercício da função enunciativa. Já as contradições extrínsecas vão além dos limites das formações discursivas e opõem teses que não têm origem nas mesmas condições de enunciação. Por fim, há as contradições intrínsecas, que se situam entre os extremos das duas contradições anteriores. São contradições que se originam em uma mesma formação discursiva, mas que constituem duas maneiras diferentes de formar enunciados, caracterizados uns e outros por certos objetos, certas posições de subjetividade, certos conceitos e certas escolhas estratégicas. Tais contradições fazem surgir subsistemas contraditórios no interior de uma formação discursiva. Ao final do ensaio, apresentamos o delineamento de um método para a análise conceitual dos termos ligados à área da Administração. Propomos que, primeiramente, seria necessário identificar de forma comparativa os enunciados reitores, os objetos discursivos, as classificações, os temas e as teorias formuladas que se relacionam à origem do conceito em análise. Dessa forma, buscamos detectar as permanências e as modificações discursivas engendradas, salientando os elementos argumentativos em que se baseiam os discursos do surgimento do novo conceito e da eventual mudança conceitual. Em segundo lugar, parte-se para a identificação de contradições derivadas, intrínsecas e extrínsecas, que se encontram entre conceitos interrelacionados. Por fim, torna-se possível trazer à tona reflexões a respeito da ciência da Administração como prática discursiva (e ideológica) e suas apropriações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria da Administração, conceitos, práticas discursivas, discurso científico, arqueologia do saber.

## REFERÊNCIAS

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. *A Construção Social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

RAMOS, A. G. *A Nova Ciência das Organizações: uma reconstrução da riqueza das nações*. Rio de Janeiro : Editora da FGV, 1981.

TRAGTENBERG, M. A teoria geral da administração é uma ideologia?. *RAE-Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: v. 11, n. 4, p. 7-21, out./dez. 1971.